

# Abertura

Por **JOÃO CARLOS ESPADA**

Director do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica portuguesa. Director de *Nova Cidadania*

## Estaremos à altura da herança da Magna Carta?

**N**as culturas liberais, em regra continentais, o conceito de herança é motivo de grandes equívocos e de um perpétuo conflito entre dogmatismos rivais: aquilo que Tocqueville designava pelo “eterno e estéril conflito entre o Antigo Regime e a Revolução”. Uns defendem a herança *como* um privilégio. Outros atacam-na *por ser* um privilégio.

É uma discussão monocórdica que as culturas liberais, em regra marítimas, aprenderam, talvez instintivamente, a evitar. Antes de ser ou não ser um privilégio, a herança é sobretudo um desafio: eleva o nosso olhar para aquilo que os nossos antepassados conseguiram alcançar e que conseguiram deixar-nos como legado. O grande desafio é este: estaremos à altura de compreender, honrar, preservar, e tentativamente melhorar, esse legado?

Por este motivo, o primeiro conceito associado à ideia de herança é o de dever, não o de privilégio: o dever de tentar estar à altura da herança que nos foi legada.

Este é o espírito com que a presente edição de *Nova Cidadania* celebra os 800 anos da Magna Carta de 1215 — o tema central da 23a. edição do Estoril Political Forum que terá lugar no Hotel Palácio, nos próximos dias 22-24 de Junho de 2015. Estaremos à altura dessa honrosa herança de limitação de todos os poderes pela lei e de prestação de contas dos governos aos cidadãos, como a definiu Winston Churchill? Esse é o nosso desafio, esse é o nosso dever.

Numa cultura marítima, esta ideia de



dever também não é entendida dogmaticamente, como imposição que todos devem aceitar sem poder questionar. O dever é antes de mais voluntariamente assumido, como recorda magistralmente nesta edição Mário Pinto, presidente do nosso Conselho Editorial. Por isso também, a nossa secção sobre a Magna Carta contém um debate entre diferentes pontos de vista sobre o significado da grande carta.

Todas as gerações devem livremente poder re-avaliar a herança que receberam. Acreditamos que é através desse usufruto da liberdade que aprenderão a defender a liberdade — se e quando ela estiver ameaçada. Isso mesmo recorda Guilherme d’Oliveira Martins nesta edição, recordando as palavras de D. Manuel Clemente, Cardeal Patriarca de Lisboa: “O povo português, naquilo que vai fazendo, que vai perdendo, que vai

ganhando, mostra uma grande capacidade de se refazer”.

Estará a liberdade hoje ameaçada? Esse é o tema do artigo de abertura desta edição, pelo nosso amigo Marc Plattner, co-director do *Journal of Democracy*, sediado em Washington, DC. É um tema central que ocupa a edição de Janeiro daquela revista, marcando o seu 25o. aniversário, e que preocupa hoje os amigos da liberdade em todo o mundo.

Para que a liberdade não venha a estar ameaçada em Portugal, o IEP-UCP e a SEDDES promoveram um ciclo de colóquios intitulado “Relançar Portugal: Bloqueios e Desafios”. A orientação subjacente a esta iniciativa é uma vez mais a do dever para com uma herança: para preservar a herança democrática do 25 de Abril, “é preciso ter a coragem de reformar, para evitar rupturas indesejáveis”. Nesta edição, publicamos os textos de abertura dos três primeiros colóquios, de João Salgueiro, Isabel Corte Real e Manuel Braga da Cruz. Na próxima edição, serão publicados os dois seguintes, de Fernando Ribeiro Mendes e António Vitorino, cujas sessões tiveram lugar já depois do fecho desta edição.

A fechar este número, o leitor encontrará textos sobre Winston Churchill, que morreu a 24 de Janeiro de 1965, e Martin Gilbert, o seu biógrafo oficial, que morreu a 3 de Fevereiro último — quase exactamente cinquenta anos depois. Ambos partilhavam um sentido comum de dever: o de tentar estar à altura da herança da nossa civilização ocidental, fundada nos princípios da liberdade e responsabilidade pessoal. Em nosso entender, esses são também os princípios fundamentais subjacentes à Magna Carta de 1215. ■